

APONTAMENTOS PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS: DISCUTINDO O CORPO BISSOCIAL A PARTIR DE UM ARTEFATO CULTURAL

NOTES TO THE SCIENCE TEACHING: DISCUSSING THE BIOSOCIAL BODY FROM A CULTURAL ARTIFACT

Joanalira Corpes Magalhães – FURG – joanaliracm@yahoo.com.br

Paula Regina Costa Rieiro – FURG – pribeiro@vetorial.net

Resumo:

Ao entendermos a importância de se discutir e utilizar diferentes artefatos culturais nas salas de aula, buscamos em nossas pesquisas problematizar alguns discursos presentes nesses espaços, que vêm (re)produzindo significados, valores e representações presentes na sociedade, bem como utilizá-los enquanto ferramentas para o ensino. Assim, este estudo tem como objetivo analisar a rede de discursos sobre o corpo biossocial, em dois livros da Turma da Mônica Jovem: Coisas que as garotas devem saber e Coisas que os garotos devem saber, a fim de tecermos alguns apontamentos para o ensino de Ciências. Para tanto, nos utilizamos do campo teórico dos Estudos Culturais nas suas vertentes pós-estruturalistas, que problematiza o entendimento do corpo como produzido na interação entre o biológico e o cultural. Para a análise dos materiais empregamos algumas ferramentas da análise do discurso foucaultiana, bem como destacamos os discursos relacionados às temáticas corpo, saúde e sexualidade que apareciam nestes artefatos.

Palavras-chave: artefato cultural, corpo biossocial, ensino de Ciências.

Abstract:

By understanding the importance of discussing and using different cultural artifacts in classrooms, we seek in our research to problematize some discourses present in these spaces, which have been (re)producing meanings, values and representations present in society, as well as use them as tools for teaching. Thus, this study aims to analyze the network of discourses on the biosocial body, in two books of Youth Monica's Gang: things that girls should know and things that boys should know, so we may produce some notes to the science teaching. For this, we use the theoretical field of cultural studies in their post-structuralist side that problematizes the understanding of body as produced in the interaction between biological and cultural. For the material analysis we use some tools of Foucauldian discourse analysis, as well as highlight the discourses related to the body, health and sexuality issues that appeared in these artifacts.

Keywords: cultural artifact, biosocial body, science teaching

Apontamentos iniciais

A escola é uma instituição que tem papel de destaque na produção de significados sobre Ciências, meio ambiente, sociedade, vida, sexualidade, tecnologias, entre outros aspectos, e, nesse sentido, torna-se importante incorporar e/ou complementar em suas práticas pedagógicas outros artefatos culturais, além do livro didático, que é um dos artefatos mais utilizados nesse espaço, a fim de potencializar o processo de ensino e aprendizagem.

Nesse estudo, temos como propósito problematizar um artefato cultural – os livros da Turma da Mônica Jovem –, que exercem uma pedagogia cultural, ou seja, ensinam modos de ser, de estar no mundo, bem como diversos conceitos e entendimentos em relação às diversas áreas do conhecimento, entre elas, à educação para a sexualidade. Para tanto, nos utilizamos do campo teórico dos Estudos Culturais nas suas vertentes pós-estruturalistas que de acordo com Giroux (2001, p.90) “ampliam nossa compreensão do pedagógico e de seu papel fora da escola como o local tradicional de aprendizagem”.

Justificamos a utilização desses artefatos como *corpus* de análise deste artigo pelo fato destes constituírem-se como uma pedagogia cultural que nos ensina modos de viver e perceber o mundo, bem como uma relevante ferramenta didático-pedagógica no ensino de Ciências e Biologia. Neste sentido, o uso de diferentes artefatos – por exemplo, revistas em quadrinhos, vídeos, documentários e entre estes as revistas de divulgação científica – possibilitam à/ao professora/professor problematizar as diferentes representações e significados atribuídos aos corpos, gêneros e sexualidade que circulam em nossa sociedade. Na formação inicial de licenciandos/as de Ciências e Biologia esses artefatos culturais também tem sido objeto de discussão possibilitando ampliar o entendimento de que vários são os espaços formais e não formais que possuem uma pedagogia, para Silva “tal como a educação, as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também têm uma ‘pedagogia’, também ensinam alguma coisa” (2004, p. 139), ou seja, não são apenas artefatos de informação ou entretenimento, mas formas de conhecimento que interpelaram os sujeitos.

Apontamento sobre os Artefatos Culturais

Os artefatos culturais são invenções culturais e sociais, ou seja, resultados de um processo de construção social. Por esse viés, revistas, músicas, imagens, jornais, por exemplo, são entendidos como artefatos culturais, já que são constituídos por representações produzidas a partir de significados que circulam na cultura, sendo essa a justificativa que nos atrai a problematizá-los nesse texto.

Entendemos que a escola não é o único espaço de privilegiado da pedagogia e do currículo, pois outros espaços também estão implicados no processo de aprendizagem e são produtores de conhecimentos e saberes. Costa (2002) nos coloca que todos os locais de cultura em que o poder se organiza e se exercita, como programas de TV, filmes, jornais, revistas, brinquedos, catálogos, propagandas, anúncios, videogames, livros, esportes, shopping centers, entre tantos outros, são espaços que educam.

Nessa perspectiva, as pedagogias, enquanto processos sociais que ensinam, estendem-se a todos aqueles espaços sociais implicados na produção e no intercâmbio de significados (HALL, 1997). Nessa direção, Silva (2004) destaca que as diferentes instâncias e práticas culturais encontram-se implicadas na produção de significados que, ao inscreverem nos corpos gestos, atitudes, valores, prazeres e desejos, produzem as pessoas. Para o autor, na teorização curricular, a virada cultural¹ possibilitou uma aproximação entre o conhecimento acadêmico e escolar e o conhecimento cotidiano e o da cultura de massa, pois “sob a ótica dos Estudos Culturais todo conhecimento, na medida em que se constitui num sistema de significação, é cultural. Além disso, como sistema de significação, todo o conhecimento está estreitamente vinculado com relações de poder”. (Ibid., p. 139)

Nesse sentido, as práticas culturais – as pedagogias – que ensinam tipos de pensamento e de ações em relação a si, aos outros e ao mundo não se limitam às instituições escolar e acadêmica e às práticas aí instituídas, mas estendem-se a diferentes práticas – as midiáticas, as sexuais, as escolares, as familiares, etc. – que, ao produzirem e compartilharem determinados significados, ensinam, configurando tipos particulares de identidades e de subjetividades. Este conceito amplia a noção do educativo para além dos espaços e processos tidos como formais para a aprendizagem.

Assim, os artefatos culturais e suas pedagogias nos ensinam determinados conhecimentos, representações, valores e habilidades. Vamos aprendendo, desde muito cedo, nesses diferentes espaços e instâncias sociais diferentes maneiras de representar, por exemplo, os corpos masculinos, os corpos femininos, os homossexuais. Pensar nos artefatos culturais nos remete, exatamente, para o reconhecimento e problematização da importância educacional e cultural da imagem, das novas tecnologias da informação, enfim, da relação entre educação e cultura da mídia nos processos de organização das relações sociais.

Nesse sentido, entendemos ser importante, discutir e utilizar os artefatos culturais – filmes, charges, músicas, histórias em quadrinhos, livros, entre outras – nas salas de aula, o que nos possibilita problematizar alguns discursos presentes nesses espaços, os quais vêm (re)produzindo significados, valores e representações presentes na sociedade, bem como utilizá-los enquanto ferramentas para o ensino.

Nesse estudo, problematizarmos o entendimento do corpo como produzido na interação entre o biológico e o cultural – o que nos é dado por herança biológica e o que nos é dado como herança cultural –, ou seja, não como uma essência manifestada pelos processos biológicos, mas sim refletirmos sobre o mesmo como uma construção histórica e cultural constituída nas experiências de vida das pessoas, entre elas as vivenciadas nos espaços escolares. Assim, nesse artigo vamos analisar a rede de discursos sobre os corpos, os gêneros e as sexualidades, em dois livros da Turma da Mônica Jovem: Coisas que as garotas devem saber e Coisas que os garotos devem saber, a fim de tecermos alguns apontamentos para o ensino de Ciências.

Cabe salientar o entendimento de discurso que trazemos neste estudo. Empregamos o termo discurso na perspectiva do filósofo francês Michel Foucault. Para Foucault (2005), o discurso

[...] não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da

¹ A respeito da virada cultural, ver HALL (1997; 1997a).

prática discursiva. [...] não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse, mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (p. 54)

Os discursos, na perspectiva foucaultiana, tratam-se de um conjunto de enunciados que se apóiam em formações discursivas e que são definidos em um determinado quadro de condições de existência. Nesse sentido, os discursos não descrevem simplesmente objetos e, sim, produzem os objetos sobre os quais falam. Nessa perspectiva, o importante não é defrontarmos o discurso e o objeto ao qual se refere, mas, sim, examinarmos quais são seus efeitos de verdade, ou seja, determinar como eles são tomados como verdades.

Para este estudo, utilizamos duas edições da Turma da Mônica Jovem – Coisas que as garotas devem saber e Coisas que os garotos devem saber. Os livros tratam de diferentes temas, contudo para este trabalho discutiremos os aspectos relacionados as temáticas de corpo, saúde e sexualidade. Para isso, elencamos algumas problematizações que irão nortear a análise desse artefatos:

- a) De que forma são abordadas as questões relacionadas ao corpos, saúde e sexualidade?
- b) Que pontos são discutidos em cada livro?
- c) Existem diferenças na abordagem para meninos e para meninas?

Apontamentos sobre as ferramentas de análise

Para análise dos dados vamos nos utilizar de algumas ferramentas foucaultianas com o intuito de realizarmos uma análise do discurso. Ao falar sobre essa metodologia Foucault destaca que são muitas as incertezas as quais gostaria de substituir pela análise do discurso, ele próprio em suas “condições de formação, na série de suas modificações e no jogo de suas dependências e de suas correlações”. Assim, o discurso aparece em uma relação descritível com o conjunto de outras práticas.

Lidaríamos com uma história das práticas discursivas nas relações específicas que as articulam com as outras práticas. (...) E é no espaço dessa história geral que poderia circunscrever-se como disciplina a análise histórica das práticas discursivas (FOUCAULT, 2010, p.15)

Nesta direção, a análise do discurso nos possibilita investigar os discursos como um conjunto regular de fatos linguísticos em determinado nível e polêmicos e estratégicos em outro. Investigamos os discursos como conjuntos de acontecimentos discursivos e nessa análise, temos como princípios reguladores: o acontecimento, a série, a regularidade e a condição de possibilidade. Assim, nas análises culturais consideramos como os discursos constroem, “de forma sistemática, versões do mundo social e natural e para o modo como ele posiciona os indivíduos nas relações de poder” (FISCHER, 2002, p. 86).

Contudo, ressaltamos que Foucault não delimita um método de fazer análise do discurso. O que ele nos possibilita são algumas pistas, nos colocando a disposição caixa de ferramentas para operarmos de forma analítica, mas não podemos afirmar que tudo vale para fazer esse tipo de análise. É necessária rigorosidade teórica ao utilizar as ferramentas analíticas de Foucault. Conforme destaca o filósofo em uma entrevista concebida a Roger Pol-Droit,

Todos os meus livros, (...) podem ser pequenas caixas de ferramentas. Se as pessoas querem mesmo abri-las, servirem-se de tal frase, tal idéia, tal análise como de uma chave de fenda, ou uma chave inglesa, para produzir um curto-circuito, desqualificar, quebrar os sistemas de poder, inclusive, eventualmente, os próprios sistemas que meus livros resultaram... pois bem, tanto melhor! (POL-DROIT, 2006, p. 52)

A partir dessas ferramentas foucaultianas, buscamos conhecer a rede de discursos presentes nos artefatos culturais investigados e para tal análise elencamos aqueles enunciados que mais se relacionavam com os objetivos deste artigo, ou seja, os discursos (re)produzidos sobre os corpos, gêneros e sexualidades, os quais produziam determinadas representações de masculinidades e feminilidades.

Apontamentos sobre corpo biossocial na Turma da Mônica Jovem

A revista Turma da Mônica Jovem, foi lançada em 2008, por Maurício de Souza. Os personagens mais famosos dos gibis no Brasil, Mônica, Magali, Cebolinha e Cascão cresceram e estão na adolescência. A revista tem o formato semelhante ao mangá, originalmente lançado no Japão. Segundo Maurício de Souza (2011)

Não me lembro de algo parecido em histórias em quadrinhos principalmente quando a bifurcação remete para dois estilos diferentes: a tradicional Turma da Mônica vai ficar no universo conhecido e aceito desde há mais de 40 anos. A nova, jovem, vai enveredar pelos caminhos do estilo japonês dos mangás, com "licenças gráficas" pertinentes ao gênero, ao estilo e muita tecnologia.

Os mangás apresentam grande popularidade entre os/as adolescentes, um dinamismo na linguagem, facilidade de acesso ao material, variedade de temática, cognitivismo, bem como é lúdico e usa discursos combinados entre texto e imagem (LINSINGEN, 2011). Os mangás podem ser interessantes ferramentas pedagógicas para o professor/a utilizá-los na sala de aula, segundo Linsingen (2011) esses materiais “contém em seu enredo uma busca de identificação com o leitor, tanto por discursos do cotidiano, ou seja, por experiências parecidas com as que o leitor vivenciou ou que deseja vivenciar, quanto pelos personagens.”

Devido ao grande sucesso que essa revista mostrou entre o público jovem, foram lançados dois livros relacionados a temáticas como sexualidade, corpo, puberdade, entre outras. Os livros “Coisas que as garotas devem saber” e “Coisas que os garotos devem saber” são produções dos estúdios Maurício de Sousa, sendo os textos produzidos por Antônio Carlos Vilela.

O livro dos garotos trata de dúvidas em relação ao corpo – ereção, sexualidade, corpo das garotas, como coloca o autor “como se fosse uma conversa entre grandes amigos.” (VILELA, 2010) O livro das garotas trata sobre saúde, beleza, comportamento e relacionamento e o autor coloca que o livro se assemelha “a uma conversa íntima entre amigas.” (VILELA, 2010a)

Em um primeiro momento, analisamos as imagens que aparecem na capa de cada um dos livros, principalmente as questões relacionadas as cores utilizadas. No livro destinado aos meninos predomina a cor azul, tendo a imagem de Cebolinha tocando guitarra. No livro para as meninas a cor predominante é a rosa, tendo a imagem da Mônica segurando seu coelhinho de pelúcia. Percebemos, então, as cores sendo utilizadas como marcadores de gênero. Se mulheres e homens são produzidos socialmente, entende-se que os gêneros são feitos a partir ou através de múltiplos discursos, símbolos, regras, representações e marcadores, como, por exemplo, as cores (LOURO, 2001). Segundo Silva e Ribeiro (2006, p. 02), “antes mesmo do nascimento mães e pais se utilizam de uma série de artifícios para marcar a identidade” de sua/seu filha/filho, como, “a escolha do enxoval do bebê – que prioriza a cor azul para os meninos e a cor rosa para as meninas”. Essas estratégias buscam, de alguma maneira, apontar o que se espera para as meninas e para os meninos, de acordo com as normas estabelecidas no contexto social e cultural.

Ao analisarmos os livros buscamos conhecer os discursos relacionados ao corpo. Um discurso que emergiu e predomina nesses materiais é o discurso biológico, pois tanto no livro dos garotos como no das garotas é enfatizado a questão da puberdade, ou seja, as mudanças que ocorrem no corpo de meninos e meninas nessa fase. Essa mudança está centrada na transformação desses sujeitos para a vida adulta, focando o aspecto reprodutivo: “esta é a fase da vida que transforma garotinhas em mulheres” (VILELA, 2010, p. 20); “o corpo se transforma para se tornar pronto para a reprodução, ou seja: para ter bebês.” (id., p.21); “o homem presta atenção nas curvas das mulheres, porque elas (as curvas) indicam que a mulher está pronta para continuar a espécie. É um instinto de preservação” (id., p.21); “a puberdade marca o início da adolescência. Nesse período, seu corpo se desenvolve rapidamente e você se torna apto à procriação, ou seja, capaz de gerar filhos” (VILELA, 2010 a, p. 12). Além disso, no livro dos garotos o corpo é comparado a uma máquina “muito complexa, tão avançada tecnologicamente que o ser humano ainda não conseguiu fazer outra igual” (id., p.12).

Ao citar as modificações corporais que ocorrem na adolescência, ambos os materiais falam sobre o cérebro e a hipófise, bem como a produção dos hormônios sexuais. No livro para as meninas é mencionada a questão do crescimento dos pelos, articulando a cuidados como a depilação, bem como são discutidas questões relacionadas a menstruação, tensão pré-menstrual, ovulação e anticoncepcionais. Ao tratar desse último ponto, o livro traz a seguinte indagação: “você reparou na pegadinha sobre puberdade?” (VILELA, 2010, p. 34). A partir dessa pergunta, o autor coloca que é importante falar sobre os anticoncepcionais, pois agora a menina está pronta ter bebês, sendo os métodos citados a pílula e as camisinhas femininas e masculinas. Ainda são mencionadas as doenças sexualmente transmissíveis e a Aids. Cabe salientar que no livro das meninas, são apontadas as modificações corporais ocorridas no corpo dos meninos, tais como: crescimento do pênis (como uma preocupação de todos os garotos) e “equipamento sexual” (expressão usada para se referir ao saco escrotal e testículos), ereção, ejaculação, entre outros pontos. Além dessas questões, o livro destinado as meninas traz discussões relacionadas ao cuidado com a pele, os diferentes tipos, cravos, dicas de maquiagem e cuidados com os cabelos.

No livro dos meninos, quando é mencionada a hipófise, são discutidas questões relacionadas ao desenvolvimento dos testículos, as modificações físicas que ocorrem, como:

alongamento do corpo, desenvolvimento dos músculos, o jeito desajeitado e as mudanças nas feições e na voz. A explicação fisiológica da excitação e a preocupação com o crescimento do pênis também são mencionadas: “pois querem se sentir logo ‘homens’. (VALELA, 2010a, p. 13). Além disso, são elencados os “micos da puberdade”, ou seja, o desenvolvimento das mamas (“peitinho”), o cheiro, as espinhas e, novamente, o tamanho do pênis.

Ao tratar da temática saúde ambos os materiais focam na discussão de uma alimentação saudável: “A boa alimentação é fundamental na conquista de um corpo saudável e uma boa aparência, com pele, unhas e cabelos bonitos” (VILELA, 2010, p. 11); “A comida é o combustível e o material de construção do nosso corpo” (VILELA, 2010a, p. 19). Para isso, os materiais comentam sobre a pirâmide alimentar, a importância das atividades físicas, do sono e o hormônio do crescimento. Além disso, é mencionado que o corpo não é “apenas uma máquina” e que precisa de um bom “estado de espírito”, tecendo discussões sobre a/o adolescente sentir feliz, comentando a diferença entre alegria e felicidade. No livro destinado aos meninos, percebemos que são discutidas questões de higiene íntima, falando sobre a anatomia do prepúcio, da glândula e sobre circuncisão: “homem também tem que se preocupar com isso. Não é só assunto de revista de mulher” (VILELA, 2010a, p.32). Ainda, sobre higiene, este material comenta sobre cuidados com os cabelos, rosto, unhas e dentes, bem como traz problematizações sobre os “grandes inimigos da saúde”, ou seja, cigarro, drogas e álcool. No livro destinado as meninas problematizações como essas não aparecem ou são pouco discutidas. Em ambos os materiais é mencionada a questão do sol, sendo que o enfoque maior, no livro das garotas, é sobre o bronzeamento.

Com relação a temática sexualidade no livro das garotas são discutidas questões como relacionamentos, amizade, personalidade, namorar, ficar e beijar. Nos textos é problematizado que as meninas que “ousam desafiar as ‘regras’” (VILELA, 2010, p. 85) recebem alguns adjetivos como “galinha” ou “rodada” e dessa forma, o autor aponta, que as meninas que adotarem comportamentos incomuns precisam estar preparadas para a reação das pessoas e pela classificação negativa que podem receber por este comportamento incomum, ou seja, a garota perguntar a um garoto se ele quer ficar com ela. Ao tratar dessas questões de namorar ou ficar, o livro ainda aponta que as meninas devem ficar atentas ao comportamento dos garotos para saber qual é o interesse deles no relacionamento, dando dicas para isso: “Se ele fica com uma garota por semana (ou mais), é provável que não vá querer ir além disso, principalmente se a menina chegar junto, perguntando se ele quer “ficar” com ela” (id., p. 86).

Também são apresentadas dicas sobre o beijo e quando ele deve rolar: “O beijo estabelece um nível de intimidade maior entre os ‘beijantes’. [...] Os dois percebem que o desejo de beijar é mútuo, aproximam a cabeça... a música aumenta e a câmara fecha no rosto dos ‘beijantes’” (VILELA, 2010, p. 88); “‘Ninguém deve fazer algo íntimo com o qual não se sinta totalmente à vontade’. Nunca se esqueça disso” (id., p. 89). Além disso, o autor dá dicas às garotas sobre como afastar alguém que está se tornando íntimo demais: “Faça algum comentário do tipo ‘preciso respirar’, ‘preciso ir ao banheiro’; coisas assim, para cortar o clima. [...] Depois que o garoto esfriar, explique que ele estava indo rápido demais e que você acha que ainda não é a hora.” (id., p. 90); “garotas que ficam muito preocupadas com que os outros vão pensar acabam vítimas da situação e, depois, do arrependimento. Sentem-se mal e a autoestima vai parar lá embaixo da sola do sapato.” (id., p. 91).

Para as meninas que estão namorando, o livro comenta que estar apaixonada é muito bom, mas que a garota não deve viver em função do namorado: “Suas obrigações em casa continuam valendo. Suas amigas também precisam continuar a ser cultivadas.” (VILELA, 2010, p. 91)

No livro dos garotos é dado um maior destaque sobre a sexualidade, tanto que esse é um capítulo do livro e apresenta questões como curiosidade, dúvidas, tipos de mulher que excitam, tamanho do pênis, masturbação, tabus, entre outras. É destacado que durante o período da adolescência “surgirá um novo ser humano: VOCÊ VERSÃO ADULTO” (VILELA, 2010a, p.48), enfocando que essas mudanças acontecem no corpo a fim de se tornar adulto. A questão o que é ser “normal”, nessa fase, é apresentada na forma de questionamentos: “Você se desenvolve em ritmo diferente de seus amigos” busca discutir o tamanho do pênis, ejaculação, pensar em sexo; “Pensar em sexo” fala sobre os hormônios que provocam mudanças biológicas e psicológicas que fazem que ele não pare de pensar nisso; “Não pensar em sexo” trata do menino que não pensa ou não conversa sobre sexo, é alegado que pode ser “os hormônios não tenham começado a ‘ferver’, ou então eles não afetam você na mesma intensidade que afetam seus amigos.” (VILELA, 2010a, p.51); “Ter fantasias” problematiza que todos os garotos têm os mais diferentes tipos de fantasias “românticas, selvagens, esportivas, aventureiras, sujas, depravadas” (id., p.52), “Masturbação” que fala que é “tão normal quanto almoçar e dormir” (id., p.53), além de apresentar um quadro sobre o que a masturbação não faz; “Quando é hora de começar a transar” fala sobre que “existe uma regrinha” (id., p.51) também o menino precisa esteja seguro, respeite o seu ritmo e não se sinta pressionado, ou seja, que se o menino não sabe se é a hora, é porque não é a hora de transar; “Evitando (grandes) problemas” discute a gravidez indesejada, as doenças sexualmente transmissíveis e Aids e coloca que “Uma gravidez indesejada ou uma doença sexualmente transmissível pode arruinar sua vida e a de sua parceira, namorada, ficante, etc.” (id., p.55).

Outra questão que é tratada no livro dos garotos é em relação às garotas. O autor coloca que elas amadurecem primeiro, também são inseguras, desajeitadas e que elas não são todas iguais. Ensina o que é menstruação e tensão pré-menstrual – TPM. Também é discutido sobre o que é namorar e ficar “para ficar não precisa de muito esforço. A galera está dançando, a menina sorri para o menino, este se aproxima e começa a beijação” (id. p.63), ou seja, a menina é que sempre dá em cima dos meninos. O oposto no que é dito no livro das meninas, em que coloca que as meninas que são mais “ousadas” são chamadas de “galinha” ou “rodada”, conforme descrito acima.

Vários ensinamentos são colocados para os meninos como beijar: o menino deve buscar um clima para beijar “vai ser estranho, se o papo for sobre futebol, de repente você se aproximar e tentar dar um beijo. Quase com certeza ela vai recusar. De susto!” (id., p.67) é colocado que para conseguir um beijo “convide-a para um filme romântico [...] depois converse sobre o que acabaram de ver [...] Enfim, fale de amor” (id., p. 67). Também são apresentadas dicas sobre o beijo como “não force ou aperte sua boca contra ela” ou “não se apresse em ‘enfiar’ a língua” (id., p.69) entre outras.

Nos dois livros é apresentada uma única possibilidade de relacionamentos, a heterossexualidade – garoto com garota –, outras possibilidades não são problematizadas. Nesse sentido, a heterossexualidade é entendida como “a forma” dada como normal e natural “de manifestação do desejo sexual entre as pessoas normais e sadias” (LOURO, 1998, p. 92).

Apontamentos finais

Ao olharmos estes materiais podemos perceber que, embora a forma de abordagem e a linguagem empregada visem discutir essas questões de maneira mais aproximada das/os adolescentes, o enfoque e o discurso utilizado ainda encontra-se pautado no discurso biológico, sendo as explicações dadas de caráter essencialista e biologicista. Isso fica evidente quando é comentado sobre os aspectos relacionados a puberdade, sendo apenas mencionada a

questão reprodutiva do desenvolvimento do corpo neste período, não sendo discutidas questões relacionadas ao toque, ao prazer, por exemplo.

A discussão sobre saúde centra-se na aquisição de hábitos saudáveis e dicas de higiene íntima, sendo essas dicas mais enfocadas no livro destinado aos meninos do que naquele destinado às meninas que apresentam dicas relacionadas ao cuidado com cabelos, pele e boa aparência.

Nesses artefatos foi possível perceber que os discursos presentes produzem efeitos de verdade que contribuem significativamente na produção das sexualidades adolescentes femininas e masculinas. A sexualidade está centrada no corpo biológico, na genitalidade embora em determinados momentos os textos apresentem outras questões como ficar, namorar, tabu entre outras temáticas. Para Weeks (2007, p.38),

Embora o corpo biológico seja o local da sexualidade, estabelecendo os limites daquilo que é sexualmente possível, a sexualidade é mais do que simplesmente o corpo. [...] A sexualidade tem tanto a ver com nossas crenças, ideologias e imaginações quanto com o nosso corpo físico.

Um aspecto que ficou evidente na análise dos dois livros é que as temáticas relacionadas à sexualidade foram tratadas diferente nos dois livros, ou seja, no livro dos garotos foram apresentados muitos ensinamentos a fim de que o menino se relacione com menina, o que de alguma forma reforça que deve ser o homem a tomar a iniciativa, deve saber mais que as meninas sobre sexo. No livro das garotas, o autor aponta dicas e maneiras de se portar com os garotos, mas não menciona, de maneira direta, alguma discussão sobre transar, apenas é falado sobre namorar, ficar e beijar.

Assim, perceber estes livros como ferramentas pedagógicas para o ensino de Ciências nos possibilita problematizar o quanto nestes artefatos, bem como na escola, o discurso elegido como o legítimo para falar sobre os corpos é o discurso biológico, o qual é evocado para produzir “verdades”, ditadas pela visão hegemônica que vê a ciência como algo “incontestável”. Esses artefatos culturais, organizados segundo esta visão biologizante/medicalizada, enfatizam aspectos anatomo-fisiológicos e discursos de saúde e doença, desconsiderando outras abordagens, como por exemplo, a discussão do corpo biossocial.

Nesse sentido, mais do que materialidades biológicas, os corpos são, também, produções sócio-culturais, constituídas na e pela linguagem, que, ao nomear e supostamente descrever esses corpos, interpela-os, atuando no processo constitutivo das identidades. Através da linguagem, veicula-se significados sobre os corpos infantis, jovens, saudáveis, belos, da moda, descuidados, negligenciados, doentes, entre outros. Pensar o corpo dessa forma implica em “perceber sua provisoriidade e as infinitas possibilidades de modificá-lo, aperfeiçoá-lo, significá-lo e ressignificá-lo” (FIGUEIRA, 2003, p. 126). Implica, também, no reconhecimento de que os marcadores sociais, como raça, gênero, sexualidade, classe social e faixa etária, atuam na produção desses corpos, posicionando-os nos diversos contextos sociais.

Desta perspectiva, cabe salientar o quanto é relevante para educadoras e educadores incorporarem em suas práticas escolares outras representações culturais de corpo que circulam na sociedade. Falar de um corpo que não se simplifica apenas numa matriz biológica, mas que está sendo também constantemente produzido na e pela cultura. Para tanto, é importante problematizarmos o quanto artefatos culturais, como os livros Turma da Mônica Jovem, estão vinculados ao ensino de Ciências, já que, ao falar sobre os corpos e sexualidades para as/os

adolescentes, também estão construindo esses corpos, ensinando modos de ser e pertencer a este grupo.

Mesmo que ainda a instituição escolar seja tida, pela maioria dos/das profissionais da educação, como o espaço privilegiado no qual a pedagogia e o currículo estão presentes, faz-se necessário estarmos atentas/os para esses outros espaços que estão funcionando como produtores de saberes, conhecimentos, formas de pensar e agir. Abordar outras representações de corpos masculinos e femininos na prática escolar possibilita-nos discutir o quanto tabus, preconceitos acerca dos mesmos são construídos culturalmente e encontram-se engendrados em relações de poder-saber. Nesta direção, devemos olhar os artefatos culturais como produtores de conhecimentos, os quais vêm interpelando os sujeitos, (re)afirmando práticas e identidades hegemônicas. Ou seja, atentarmos de que forma eles têm funcionado como um currículo cultural em que as identidades de gênero e sexuais são constituídas e o conhecimento é produzido e legitimado por um saber científico, já que estes materiais abordam algumas questões de maneira diferenciada para meninas e para meninos, principalmente aquelas questões relacionadas a sexualidade.

Referências:

COSTA, Marisa. Poder, discurso e política cultural: contribuição dos Estudos Culturais ao campo do currículo. In: Lopes AC, Macedo E, organizadores. **Currículo: debates contemporâneos**. São Paulo: Cortez; 2002.p. 133-149.

FIGUEIRA, Márcia Luiza. A revista Capricho e a produção de corpos adolescentes femininos. In: LOURO, Guacira, NECKEL, Jane e GOELLNER, Silvana (Orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

FISHER, Rosa. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. **Ditos e Escritos VI – Repensar a Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GIROUX, Henry. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. In: Silva TT, organizador. **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes; 2001. p. 85-103.

HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (org.). **Representation**. Cultural representations and signifying practices. Sage: Open University; London; Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

_____. Cultura, mídia e educação. **Educação e Realidade**, v. 22, n. 2, p.15-46, jul-dez 1997A.

LINSINGEN, Luana Von. **Mangás e sua utilização pedagógica no ensino de ciências sob a perspectiva CTS.** Disponível em: <http://plutao.ige.unicamp.br/ojs/index.php/cienciaeensino/article/viewPDFInterstitial/125/110>. Acesso em: 26 de maio de 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, Dagmar E. Estermann (Org.). **Saúde e sexualidade na escola.** Porto Alegre: Mediação, 1998, p. 85-96.

_____. Sexualidade e gênero na escola. In VEIGA-NETO, Alfredo *et al.* (Org.). **A educação em tempos de globalização.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 69-73.

POL-DROIT, R. **Michel Foucault: Entrevistas.** São Paulo: Graal, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SILVA, F.F. da e RIBEIRO P.R.C. A constituição das identidades de gênero no espaço escolar. In: **VI Encontro sobre Investigação na Escola.** 2006. Rio Grande.

SOUZA, Maurício. **Eles cresceram.** Disponível em: <http://www.revistaturmadamonicajovem.com.br/magali-cascao/fala-mauricio/fala-mauricio-169068-1.asp>. Acesso em 10 de maio de 2011.